

A HISTORIOGRAFIA COMUNISTA: ERA DOS EXTREMOS VIVENDO NO LIMITE

Aristéia Mariane Kayser (UNIFESP)¹;
Marco Aurélio da Silva (UFSM / UNISC)²

RESUMO

Hobsbawm dá uma grande importância à depressão dos anos 30 como determinantes dos rumos políticos da época. Essa depressão teria tido um papel decisivo em fazer da democracia uma planta frágil, em muitos países. Isso até tem um fundo de verdade. Em certo ponto Hobsbawm parece reconhecer que o regime soviético era inviável: a tentativa de construir o socialismo produziu conquistas notáveis, não menos a capacidade de derrotar a Alemanha na Segunda Guerra Mundial, mas a um custo enorme e inteiramente intolerável, e daquilo que acabou se revelando uma economia sem saída. As conquistas notáveis, no caso, estão todas ligadas à industrialização da URSS, que chegou a alçar-se à condição de segunda potência industrial do mundo, partindo praticamente do zero no fim da Guerra Civil, em 1920. Segundo Hobsbawm o termo Globalização pertence à década de noventa do século XX. A importância conceitual da economia política é, em segundo lugar, devida ao fato deste conhecimento estar inserido, no seu nascimento, no contexto da racionalidade científica que a maior das revoluções intelectuais da era moderna.

Palavras chave: Democracia, globalização, intolerância

ABSTRACT

Hobsbawm gives great importance to the depression of the 30s as determinants of political direction of the season. This depression have had a decisive role in making democracy a fragile plant in many countries. It even has some truth. At one point Hobsbawm seems to acknowledge that the Soviet regime was not feasible: the attempt to build socialism produced notable achievements, not least the ability to defeat Germany in World War II, but at a huge cost and utterly intolerable, and what eventually revealing an economy dead. Notable achievements in the case, are all linked to the industrialization of the USSR, who came to lift up the condition of the second industrial power in the world, starting virtually from scratch at the end of the Civil War in 1920. According to Hobsbawm the term Globalization belongs to nineties of the twentieth century. The conceptual importance of political economy is, secondly, due to the fact that this knowledge be inserted at birth in the context of scientific rationality that the greatest intellectual revolutions of the modern era

Keywords: democracy, globalization, intolerance

¹ Graduada em Enfermagem – FISMA, Graduanda em Pedagogia – UNINTER; Especialização em Pré Natal – UNIFESP; Especialização em Educação Ambiental e também em Gestão da Organização em Saúde Pública ambas pela UFSM. E-mail: amarianekayser@yahoo.com.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7654244279351973>

² Graduação em Filosofia – UNIFRA, Especialização em Mídias na Educação – UFPEL; Especialização em Gestão Educacional e Também em Educação Ambiental ambas pela UFSM; Mestrado em Ciências Sociais - UFSM; Mestrando em Educação – UNISC/Bolsista CAPES. E-mail: marcoaurelio22000@yahoo.com.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6665383866556823>

INTRODUÇÃO

Eric Hobsbawm no livro “A era dos extremos”, acentua a forte impressão da catástrofe humana que foi o século XX. Em relação às mortandades gigantescas; à desvalorização do indivíduo, que durante longos momentos do século, foram negados todos os direitos humanos e civis, que haviam sido duramente conquistados durante o correr do século precedente: 1789-1914. Hobsbawm faz uma ligação direta entre a sobrevivência da Revolução Russa e a sobrevivência de uma unidade política abrangendo todo o antigo Império Russo. A contradição entre Revolução e Império, faz valorizar a disciplina bolchevique de modo acrítico, misturando disciplina consciente e arregimentação cega, além de atribuir aos bolcheviques, objetivos que estes não se davam antes de 1921. Manter o Império havia sido objetivo central do czar e da impotente burguesia russa, não era objetivo dos revolucionários. A Revolução Francesa terminou militarmente derrotada. Nem por isso deixou de exercer influências libertárias que as próprias monarquias contra-revolucionárias tiveram que levar em conta para sobreviver. Cerca de dez anos depois, ocorreu a mais negra noite de todos os tempos: a meia-noite do século.

RECONSTRUINDO AS DUAS GUERRAS MUNDIAIS

Eric Hobsbawm descreve os inúmeros sofrimentos causados pela Guerra como mero resultado das próprias operações militares. Na Primeira Guerra Mundial não se havia visto ato tão sanguinário como o massacre de quatro mil prisioneiros poloneses, por ordem de Stalin, em 1940. No fim da Segunda Guerra Mundial, não houve voz contra o revanchismo. Treze milhões de alemães foram expulsos da Europa oriental e central, com o único objetivo de aumentar o lebensraum eslavo. Foram expulsos

simplesmente pelo fato de serem alemães. Hobsbawm dá uma grande importância à depressão dos anos 30 como determinantes dos rumos políticos da época. Essa depressão teria tido um papel decisivo em fazer da democracia uma planta frágil, em muitos países. Isso até tem um fundo de verdade. Além disso o impacto da depressão teria sido a grande força renovadora das idéias econômicas da época, porque a depressão teria desacreditado o pensamento econômico clássico, abrindo espaço para as políticas de regulação do capitalismo posteriores.

Em razão desse descrédito da ortodoxia econômica, no segundo pós-guerra, os formuladores de decisões, segundo o autor, passaram a ter preocupações centrais: obter uma distribuição de renda mais igualitária do que a normalmente ensejada pelo capitalismo puro e evitar grandes níveis de desemprego. Em situações de grande perigo social, os formuladores de decisões instalados no poder tendem fortemente a dividir-se entre dois tipos básicos de saída, conforme suas inclinações pessoais. Ora, no fim da Segunda Guerra Mundial, o perigo para o capitalismo era uma realidade assustadora.

Hobsbawm observa, que os resultados da Segunda Guerra Mundial retiraram a extrema-direita do cenário político por um bom tempo. No fim da Guerra, só os formuladores de decisões dispostos a fazer concessões tinham voz e audiência. É isso que mais explica por que foi tão fácil fabricar um pacto aceitável para trabalhadores e patrões, então alçados à categoria nova de parceiros sociais. Chamar essas concessões de reformas do capitalismo exagera seu alcance e objetivos. Vemos que aquilo não era exatamente uma reforma do capitalismo porque assim que aquelas condições anormais deixaram de existir, o estado de bem-estar começou a ser atacado. Nos anos 80, todos os economistas com clientes importantes voltaram aos mesmos cacoetes clássicos dos anos 20 e 30.

SOCIALISMO REAL

Talvez sobre este ponto o pecado mais grave que cometeu autor supra-citado foi não acentuar no livro a falta de conclusões convincentes sobre o verdadeiro socialismo

real e o colapso da URSS. Mas é sem dúvida, bastante boa a comparação que Hobsbawm faz entre a URSS e China, assim como sua percepção de que o Estado burocrático chinês se mantém porque lançou suas reformas sobre uma população majoritariamente camponesa. E quanto às reformas de Gorbatchev, a conclusão de que: A URSS sob Gorbatchev caiu nesse poço em expansão entre a glasnost e a Perestroika, é muito pouco para explicar um colapso fragoroso que, por incrível que pareça, apenas cinco anos antes estava fora de qualquer previsão, mesmo por parte de seus mais ferrenhos adversários. Em certo ponto Hobsbawm parece reconhecer que o regime soviético era inviável: a tentativa de construir o socialismo produziu conquistas notáveis, não menos a capacidade de derrotar a Alemanha na Segunda Guerra Mundial, mas a um custo enorme e inteiramente intolerável, e daquilo que acabou se revelando uma economia sem saída.

As conquistas notáveis, no caso, estão todas ligadas à industrialização da URSS, que chegou a alçar-se à condição de segunda potência industrial do mundo, partindo praticamente do zero no fim da Guerra Civil, em 1920. Para tentar uma primeira resposta, poder-se-ia inquirir se uma industrialização obtida a chicote pode ter vida longa. O senso comum já é suficiente para suspeitar que o chicote não é bom instrumento para desenvolver a criatividade. Isso pode ser afirmado, mesmo que se queira aceitar tal chicote como motor válido para a construção de algum socialismo monástico de baixo consumo. De qualquer maneira, no caso da URSS real, interessa ressaltar que o resultado alcançado foi provisório.

No entanto, apesar de reconhecer que o resultado final da industrialização stalinista foi a economia sem saída, Hobsbawm mantém-se apegado à idéia de que a URSS não teria outro caminho a seguir nos anos 20-30, qualquer política rápida de modernização da URSS, nas circunstâncias da época, tinha que ser implacável e, porque imposta contra o grosso do povo, impondo-lhe sérios sacrifícios, coercitiva em certa medida. Hobsbawm faz sua apreciação sobre a economia da URSS, passando uma idéia, igualmente afetada por seus sentimentos pessoais, sobre a legitimidade dos Estados erguidos em nome do socialismo real. Os acontecimentos espetaculares do fim dos anos 80 e início dos 90 na Europa oriental e na URSS dão larga margem a um

questionamento da própria legitimidade dos regimes instaurados nessa parte do mundo. A respeito da Europa oriental, faz notar que as burocracias desses países procuraram retirar-se do poder discretamente porque tinham visivelmente perdido a justificativa que mantivera seus quadros comunistas no passado. Portanto a justificativa, no caso, passa ser o socialismo real, que só funcionava sob a tutela da URSS.

Para a URSS, a opinião é diferente, ao contrário de muitos estrangeiros, todos os russos sabiam bastante bem quanto sofrimento lhes coubera e ainda lhes cabia. Só partindo dessa premissa se pode começar uma discussão séria sobre as hecatombes de Stalin, superando a mera lamentação humanitária, assim como o conformismo com a suposta inevitabilidade de um regime implacável naquela época e lugar.

Mais tarde no contexto histórico Hobsbawm ressalta o apoliticismo extremo do povo nos países do socialismo real. Era o único país do mundo que não podia ter um povo apolítico. Sob tal ordenamento da vida cultural, o profundo apoliticismo do povo soviético valia como uma rejeição maciça do regime.

GLOBALIZAÇÃO

Segundo Hobsbawm o termo Globalização pertence à década de noventa do século XX. Para o historiador tamanho é o grau de dificuldade para o enfrentamento da crise dos paradigmas científicos que mesmo a expressão mais esmerada criada para definir toda as transformações ora em curso, o termo: Globalização, não consegue ela mesma ser utilizada de forma objetiva. Num relatório das Nações Unidas, existe uma afirmação de que os países não podem fazer nada diante da força avassaladora da globalização. Neste termo existe equívoco, não somente podem, como devem lutar contra isso, porque a globalização não é o caminho para o crescimento da América Latina, advertiu o cientista político, acrescentando.

Hobsbawm afirma que esta dicotomia a de que a globalização pode ser pensada como sendo evitável, em contraposição com a opinião de que ela é um processo sem volta, é apenas uma das muitas que podemos encontrar nos meios de comunicação e na

bibliografia acerca do assunto. Forma-se, assim, um conjunto de dicotomias iniciais que nos ajudam a penetrar no universo das explicações possíveis sobre o fenômeno da globalização. Algumas delas apontam que a globalização poderia ser: desejável ou indesejável, reversível ou irreversível, satisfatória ou insatisfatória; fenômeno recente x fenômeno histórico; fenômeno global x fenômeno local; homogeneizadora x diversificadora; inclusiva x exclusiva.

A ECONOMIA POLÍTICA

Em termos de importância para a compreensão da globalização o campo do conhecimento definido como economia política é um saber crucial. Sua origem pode ser encontrada, em primeiro lugar, na consolidação material da economia mercantil-capitalista em fins do século XVIII, junto com o advento da Revolução Industrial. Na visão de HOBBSAWM definir a economia política como uma espécie de ciência das trocas ou das equivalência entre mercadorias é uma primeira abordagem a ser feita. Portanto, a economia política é, uma reflexão das bases exclusivamente materiais da nova sociedade que introduzirá uma conceituação abstrata para compreender a natureza das trocas: o valor.

A importância conceitual da economia política é, em segundo lugar, devida ao fato deste conhecimento estar inserido, no seu nascimento, no contexto da racionalidade científica que a maior das revoluções intelectuais da era moderna. A essência de uma nova forma de criação do saber funda-se na análise racional das bases sociais e produtivas da acumulação de capitais privados, em profunda contradição com a metafísica religiosa e com as instituições estatais que davam vida a esta. A resultante final é a valorização da experiência individual do observador. Aproximando-nos do conteúdo intrínseco da economia política, diríamos que ela tem uma preocupação acentuada com as formas de alcançar a criação e ampliação da prosperidade econômica.

Neste sentido, todas as possibilidades são ponderadas por indivíduos afligidos pela inconstância na continuidade do crescimento econômico sob bases capitalistas, já

que não se concebia nenhuma teoria explicativa acerca do comportamento cíclico da economia. Na economia política mercado e conhecimento do mercado percorreram uma mesma direção: começam com sua existência limitada a uma mera economia de trocas simples propiciadas por características internas do feudalismo e com o funcionamento restrito às possibilidades aí firmadas.

A partir de então o mercado passou a ser conjugado como um complexo de elementos que, independentes na aparência, possuem unidade no conteúdo. Tãmanha a importância que assumiu a vinculação entre mercado e valor de troca das mercadorias que, por vezes, até mesmo a perspectiva científica ficará prejudicada. Esta última característica foi, aliás, a gênese deste campo de conhecimento. Deve-se, no entanto, ressaltar que um dos aspectos mais relevantes da economia política será a sua forma eternamente propositiva de analisar o fato econômico. Ao mesmo tempo em que observa e explica o autor define um caminho desejável de se alcançar a prosperidade econômica.

Não seria, então, um exagero afirmar que todo conhecimento econômico se deu a partir do proceder típico do intelectual Iluminista. A contribuição mais absoluta e fundamental para definir o Iluminismo como uma fonte para a formação da economia política está na compreensão desenvolvida neste momento da historicidade da existência social do mundo habitado pelos homens. A construção do conhecimento não mais seria balizada pela totalidade religiosa pré-definida mas pela experimentação.

Ao mesmo tempo, a historicidade era um resgate de algo que até então estava escondido dos olhos dos observadores, e que a partir daquele momento de profundas transformações na consciência humana podia ser compreendido.

Contraditoriamente tal transitoriedade se esgota justamente com o advento do Iluminismo. Tudo seria possível se e através das luzes. Nada mais caberia aos descendentes do homem do século XVIII. Esta presunção foi a expressão máxima das potencialidades de cognoscibilidade possíveis naquele momento.

Para o desenvolvimento da economia política a historicidade alcançada foi um marco, pois toda a conceituação de valor será baseada nesta dimensão da observação dos fenômenos. Note-se ainda que, podemos concluir que havia também uma rica

concepção de tempo desenvolvida pelo Iluminismo: o tempo anterior ao século XVIII é seguido pelo advento das luzes. A globalização não é uma idéia fim, mas sim uma idéia meio. Ela deve ser pensada como um processo que possui características extremamente complexas e, indiscutivelmente, é incompleta pelo menos até o presente momento. Supõe-se mais do que se tem convicção certa do que realmente representa uma economia globalizada.

POR UMA ECONOMIA POLÍTICA DA GLOBALIZAÇÃO

A globalização é, numa primeira abordagem, um movimento novo de um processo antigo. Neste sentido apontaremos três definições sobre o que supomos ser a economia política da globalização. A economia política da globalização tem como função abordar o movimento de formação do Mercado Mundial a partir da construção do próprio capitalismo, e não da simples formação da economia globalizada!

No senso comum a globalização significa: livre-mercado; livre-mercado entre as nações; livre fluxo de capitais; livre fluxo de mão-de-obra; hegemonia do consumidor no processo econômico; telecomunicações e informática amplamente desenvolvidas aproximam os indivíduos, tomados genericamente como consumidores; inglês como língua amplamente utilizada para a comunicação entre indivíduos que pertencem a culturas distintas; dólar como moeda hegemônica na construção de uma lei de valor de intercâmbio entre mercadorias produzidas em Estados Nacionais. Estas idéias representam sinteticamente: a hegemonia do mercado sobre a intervenção e/ou o planejamento econômico realizado pelo Estado; a predominância do capital sobre o trabalho na determinação dos elementos constitutivos do valor agregado dos bens e serviços produzidos; a negação do trabalho como forma de compreensão deste mesmo valor agregado; a restauração da hegemonia dos Estados Unidos da América na economia mundial, capaz de produzir um padrão de estruturação da globalização, malgrado a Alemanha e, principalmente, o Japão também possuam elementos de ampla inserção neste processo.

Elas são insuficientes para explicar a própria globalização porque: hipervalorizam o mercado como locus de realização econômica; hipervalorizam o consumidor como determinante do processo econômico; hipervalorizam a circulação de mercadorias e de capitais como meio de consolidação da globalização; subestimam o papel do Estado Nacional no processo, já que o Estado como instituição reguladora da economia é tomado abstratamente como intervencionismo.

A ECONOMIA POLÍTICA DA GLOBALIZAÇÃO NOS DIAS ATUAIS

Diríamos que a globalização existente até os anos setenta era instintiva. Ela estava moldada por mecanismos pouco precisos de interligação entre as economias nacionais definidos pelas instituições do pós-guerra e operacionalizadas pela economia política do dólar. Todo o intenso cenário de questionamento da hegemonia norte-americana, formada pelo consenso estabelecido no imediato pós-guerra, produziu um abalo profundo na globalização espontânea existente àquela altura. Neste momento inicia-se uma caminhada que colocará o capital financeiro no centro de um processo de reordenamento econômico e político-institucional que exporá de forma clara e inequívoca a pertinência da associação entre a economia política da globalização com este ente social.

Todos os Estados Nacionais com predominância do capitalismo tiveram que conjugar a partir daquela data as possibilidades de seu desenvolvimento com as novas condições ditadas globalmente pelo Estado Nacional líder num processo feroz tanto de revalorização de sua moeda nacional quanto do seu poder político no cenário internacional. A globalização conduzida firma-se quando as bases mais largas de reordenamento das principais normas de funcionamento da economia mundial a partir das diretrizes temporais estabelecidas pelas políticas públicas norte-americanas foram consolidadas.

REFERÊNCIAS

FERRO, Marc. **História das Colonizações: Das Conquistas às Independências – Séculos XIII à XX.** 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX – 1914-1991.** 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Trad. Marcos Santarrita.

HUNTINGTON, Samuel. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

KOCKER, Bernardo. **A Construção de um Objeto Histórico: A Economia Política da Globalização.** Disponível em: www.redem.buap.mx/semkocher.htm. Acesso em: 23 de setembro de 2006.

MILAN, Yara Maria Martins Nicolau. **Comunicação e Educação: Um Ponto de Mutação no Espaço de Confluência.** Rio de Janeiro: 2001. Disponível em: www.eca.usp.br/nucleos/nce/perfil_iara.html. Acesso em: 18 de setembro de 2006.

RODRIGUES, Cassia Maria. **Entrevista com Eric Hobsbaw.** Disponível em: paginas.terra.com.br/arte/sarmentocampos/Eric.htm. Acesso em: 20 de setembro de 2006.